



Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A METODOLOGIA DE ENSINO OFERTADA AOS PCDs - TEA - NA ESCOLA FREI ARNALDO MOTTA E SÁ, NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE IGREJA NOVA, ALAGOAS

Irene dos Santo¹

Gislene Muniz dos Santos Batista²

Jonas dos Santos Lima³

Woshington Ribeiro Rocha⁴

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista TEA tem se tornado um tema cada vez mais presente nas pesquisas educacionais contemporâneas, especialmente no que se refere à inclusão de alunos com esse transtorno dentro da instituição escolar. Nesse sentido, a pesquisa visa analisar as práticas educativas, sua eficiência no desenvolvimento do aprendizado desse aluno e os obstáculos encontrados pelos docentes no ambiente escolar na sala de aula regular, inserido na Educação Especial dentro da abordagem da educação inclusiva. Dessa forma, foi destacada a aplicação das legislações mais significativas para o grupo da Educação Especial, com ênfase no aluno com TEA. Este artigo tem como objetivo estimular uma reflexão sobre a imprescindível transformação das instituições de ensino em ambientes genuinamente inclusivos, a partir da compreensão da relevância da inclusão do aluno com autismo na educação regular. Assim, procurou-se entender como o professor que atua na educação regular implementa estratégias de ensino no processo de inclusão do aluno com autismo. Sob essa perspectiva o tema enfatiza a importância de todos entenderem e acolherem a diversidade humana, com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, ao professor, cabe observar a necessidade individual do aluno destacando suas habilidades, para que ele se sinta verdadeiramente incluído, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: inclusão; autismo; aluno

¹ E-mail: santos123irene@gmail.com

² E-mail: prof.gislene.batista@frm.edu.br

³ E-mail: prof.jonas@frm.edu.br

⁴ E-mail: prof.woshington.rocha@frm.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O autismo é considerado um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado pela dificuldade de ter uma interação humana, barreiras sociais. O diagnóstico de TEA geralmente ocorreu durante a infância, Bagarollo e Panhoca (2011) afirmam que o sofrimento das famílias quanto à descoberta do diagnóstico é significativo e envolve uma série de desafios emocionais e práticos.

A inclusão de estudante autista é um dos principais desafios enfrentados pela educação do Brasil. A Constituição Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, elas reconhecem a importância da inclusão, existem muitas escolas ainda que se deparam com dificuldades para realizar estratégias que sirvam de maneira eficaz às necessidades distintas desses alunos. Quando se trata da educação de pessoas com transtornos do espectro do autismo (TEA) e outras deficiências, sabe-se que a regra é a inclusão na rede de ensino. Tal reconhecimento é fruto de movimentos sociais para combater a exclusão das pessoas com deficiência das esferas da vida pública, visando à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A necessidade de se desenvolver instrumentos e metodologias apropriadas para a avaliação e percepção subjetiva desses, sobre a satisfação pessoal com

autismo. A responsabilidade de incluir o aluno autista e desenvolvê-lo em seus aspectos pessoais e interpessoais é responsabilidade dos indivíduos que compõem o seio educativo, assim sendo, todos aqueles que direta ou indiretamente convivem com aluno TEA, são responsáveis pelos avanços ou pela ausência deles.

A Escola Frei Arnaldo Motta e Sá, localizada na rede pública municipal de Igreja Nova, Alagoas, se destaca como uma instituição que já implementa práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos autistas e que se compromete a manter essa abordagem. O município, a qual a escola faz parte, vem investindo em várias capacitações, formações frequentes para os professores, visando prepará-los para atender às demandas de alunos com deficiência.

Essas iniciativas são de grande importância para que os professores se mantenham preparados e capacitados dentro da sala de aula. As metodologias aplicadas na escola, incluem variadas estratégias que facilitam a comunicação e o convívio dos alunos TEA, no ambiente escolar, acolhedor e estimulante.

Dentre essas práticas, destacam-se o uso de recursos visuais, atividades sensoriais e formação contínua com os educadores, que são essenciais para suprir as necessidades desse público. A inclusão

não é somente aceitar a matrícula de um aluno, é ir além com projetos e propostas que apesar dos desafios apresentados, sejam ministrados com êxito e pensando em todos por um aprendizado comum. Mantoan (2019), relata que a inclusão é estar com pessoas diferentes de nós e reconhecer e compreender o outro, todos os quesitos.

A escola insiste em afirmar que os alunos são diferentes quando se matriculam em uma série, mas o objetivo escolar, no final desse período letivo, é que eles se igualem em conhecimentos a um padrão que é estabelecido para aquela determinada série, caso contrário serão excluídos por repetência ou passarão a frequentar os grupos de reforço e de aceleração da aprendizagem e outros programas encarteadores da inteligência (Mantoan, 2019, p.38)

A inclusão de estudante autista é um dos principais desafios enfrentados pela educação do Brasil. Se bem que a Constituição Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, elas reconheçam a importância da inclusão, existem muitas escolas ainda se deparam com dificuldades para realizar estratégias que sirvam de maneira eficaz às necessidades distintas desses alunos. Quando se trata da educação de pessoas com transtornos do espectro do autismo (TEA) e outras deficiências, sabe-se que a regra é a inclusão na rede ensino. Tal

reconhecimento é fruto de movimentos sociais para combater a exclusão das pessoas com deficiência das esferas da vida pública, visando à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A necessidade de se desenvolver instrumentos e metodologias apropriadas para a avaliação e percepção subjetiva desses, sobre a satisfação pessoal com autismo. A responsabilidade de incluir o aluno autista e desenvolvê-lo em seus aspectos pessoais e interpessoais é responsabilidade dos indivíduos que compõem o seio educativo, assim sendo, todos aqueles que direta ou indiretamente convivem com aluno TEA, são responsáveis pelos avanços ou pela ausência deles.

A Escola Frei Arnaldo Motta e Sá, localizada na rede pública municipal de Igreja Nova, Alagoas, se destaca como uma instituição que já implementa práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos autistas e que se compromete a manter essa abordagem. O município a qual a escola faz parte, vem investindo em várias capacitações, formações frequente para os professores, visando prepará-las para atender às demandas de alunos com deficiência.

Essas iniciativas são de grande importância para que os professores se mantenham preparados e muito capacitados dentro da sala de aula. As metodologias

aplicadas na escola, incluem variadas estratégias que facilitam a comunicação e o convívio dos alunos TEA, no ambiente escolar, acolhedor e estimulante.

Dentre essas práticas, destacam-se o uso de recursos visuais, atividades sensoriais e formação contínua com os educadores, que são essenciais para suprir as necessidades desse público. A inclusão não é somente aceitar a matrícula de um aluno, é ir além com projetos e propostas que apesar dos desafios apresentados, sejam ministrados com êxito e pensando em todos por um aprendizado comum. Mantoan (2019), relata que a inclusão é estar com pessoas diferentes de nós e reconhecer e compreender o outro, todos os quesitos.

A escola insiste em afirmar que os alunos são diferentes quando se matriculam em uma série escolar, mas o objetivo escolar, no final desse período letivo, é que eles se igualem em conhecimentos a um padrão que é estabelecido para aquela série, caso contrário serão excluídos por repetência ou passarão a frequentar os grupos de reforço e de aceleração da aprendizagem e outros programas encarte edores da inteligência (Mantoan, 2019, p.38)

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A METODOLOGIA DE ENSINO OFERTADA PARA OS ALUNOS COMDEFICIÊNCIA TEA

A metodologia aplicada na sala de aula desempenha um papel essencial no

processo de ensino-aprendizagem. Para selecionar a metodologia mais adequada a ser executada, é fundamental que o educador conheça o perfil dos alunos inseridos no contexto educacional. Esse conhecimento torna-se ainda mais importante no ensino de alunos com autismo, visto que cada portador de TEA possui características únicas em relação ao desenvolvimento cognitivo (Tarouco, 2019, p. 19).

Para essa escolha, o docente deve conhecer as preferências e limitações do aluno, visando traçar estratégias que favoreçam seu desenvolvimento educacional. O estabelecimento de uma estreita colaboração entre educadores, pais e profissionais da saúde é o meio mais adequado para a obtenção desse conhecimento, visto que essa parceria proporciona uma troca contínua de experiências e informações, proporcionando uma compreensão mais ampla das necessidades do discente e assegurando a escolha de abordagens educacionais mais eficazes e personalizadas (Tarouco, 2019, p.19; Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2019).

Os discentes com TEA frequentemente apresentam déficits na comunicação. Por isso, quando o professor solicitar ao aluno a realização de alguma atividade, ele deve utilizar uma linguagem direta e com frases simples, evitando abreviações, metáforas e gírias, possibilitando ao aluno uma compreensão

mais clara da solicitação. De forma análoga a clareza da fala, os exercícios propostos devem seguir esse padrão: as questões necessitam ser diretas, uma vez que instruções longas ou múltiplas respostas em um único exercício podem confundir o discente (APA, 2002; Tarouco, 2019, p.19).

Santos *et al.* (2013, p.7) destaca que “no autismo há uma restrição ao domínio da linguagem, mas há também uma percepção visual muito apurada”. Por isso, é importante que o professor explore o uso de recursos visuais durante as aulas, como gráficos e imagens, para facilitar a compreensão e o aprendizado dos alunos com autismo, aproveitando essa habilidade visual para reforçar os conceitos ensinados.

Dentre as metodologias mais utilizadas no ensino de alunos que apresentam algum grau de autismo, Mello (2007) afirma que as mais comuns são o TEACCH (Tratamento e educação para crianças com autismo e com distúrbios correlatos da comunicação), o PECS (Sistema de comunicação através da troca de figuras) e a ABA (Análise aplicada do comportamento).

O método TEACCH utiliza o PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliação, conforme Mello (2007). Esse perfil tem como objetivo identificar os pontos fortes e as dificuldades do indivíduo, fornecendo informações essenciais para planejar atividades que atendam às

necessidades individuais de cada aluno. O TEACCH adota o ensino estruturado e baseia-se na organização do espaço físico e na previsibilidade das ações futuras a partir da criação de rotinas e do uso de agendas, painéis e quadros, preferencialmente feitos com imagens, para facilitar a compreensão. Além disso, esse modelo visa promover a independência do aluno, permitindo que ele consiga realizar atividades de forma autônoma (Pereira; Silva, 2023).

O método PECS foi criado para ajudar pessoas com TEA que são não verbais ou que se comunicam de forma pouco eficiente. Seu objetivo é aprimorar a comunicação através da troca de figuras, como sugere seu nome. O PECS ensina a criança a utilizar cartões com imagens para expressar necessidades e desejos, facilitando a comunicação de forma concreta e visual. Esse método tem se mostrado eficaz, pois os materiais necessários são acessíveis e de baixo custo, e pode ser utilizado em diversos ambientes, adaptando-se facilmente às rotinas diárias. Além disso, o PECS promove a interação social e o desenvolvimento das habilidades de comunicação, permitindo que o aluno ganhe mais autonomia e confiança na expressão de suas necessidades (Mello, 2007).

O método ABA visa ensinar habilidades que a pessoa com autismo ainda não possui, introduzindo essas habilidades de forma gradual e em etapas. As

habilidades são ensinadas individualmente, começando com instruções claras e, se necessário, com apoio físico, que deve ser removido assim que possível para evitar que a criança se torne dependente dessa ajuda. O método utiliza recompensas, oferecendo algo agradável a cada resposta correta. Mello (2007, p. 37) observa que “quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança tende a repetir a mesma resposta”. Para garantir a eficácia do ABA, é essencial que o ambiente e o processo de aprendizagem sejam agradáveis para a criança, sendo este um dos principais fundamentos do método.

Para garantir a eficácia dessas metodologias, é essencial que elas sejam continuamente avaliadas e aprimoradas. Para isso, é necessário o compromisso contínuo dos educadores com a formação profissional e o acesso a recursos pedagógicos adequados, bem como a adoção dessas práticas por parte da família e dos profissionais de saúde. Isso garante uma estimulação constante e consistente, contribuindo para resultados promissores, os quais não devem ser esperados de imediato. O processo de aprendizado é gradual e requer paciência, ajuste contínuo das estratégias e um esforço colaborativo para atender às necessidades individuais do aluno, promovendo seu desenvolvimento de forma efetiva (Tarouco, 2019, p. 20-21).

2.2 NÍVEIS DO AUTISMO

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como um distúrbio neurológico do desenvolvimento, caracterizado por dificuldades de comunicação, interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses restritos, que manifestam-se frequentemente na primeira infância.

A incidência do autismo ocorre majoritariamente entre os indivíduos do sexo masculino. Estima-se que quatro em cada cinco diagnósticos sejam realizados em meninos. Embora não existam dados precisos, estimativas de 2022, elaboradas segundo dados do escritório regional para as Américas da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e da Organização das Nações Unidas (ONU), com uma prevalência de 1 autista para cada 160 pessoas, apontam que exista pouco mais de 1,2 milhão de autistas no Brasil (SBP, 2019, p. 3; Freire; Nogueira, 2023, p. 13).

A 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013) apresenta o autismo como um espectro amplo que engloba os transtornos antes denominados como autismo atípico, autismo de alto funcionamento, autismo de Kanner, autismo infantil, autismo infantil precoce, transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global

do desenvolvimento sem outra especificação. Além disso, o DSM-5 classifica o autismo em três níveis de gravidade, baseados na necessidade de suporte: nível 1 (exige apoio), nível 2 (exige apoio substancial) e nível 3 (exige apoio muito substancial).

O autismo de nível 1, antes identificado como transtorno de Asperger, frequentemente apresenta um diagnóstico mais tardio devido à sua sintomatologia mais leve, uma vez que a cognição é preservada e o atraso na linguagem verbal é mínimo. Os indivíduos acometidos por esse nível de suporte demonstram déficits persistentes no processo de interação social, evidenciados pela dificuldade em manter o olhar nos olhos, pela tendência de desviar o olhar com frequência e pelo pouco interesse pelo outro, assim como comportamentos estereotipados e interesses restritos e peculiares. Além disso, esses indivíduos geralmente processam detalhes adicionais ao seu redor e possuem alto desempenho de aprendizado e talentos e habilidades bastante significativos (SBP, 2019; Barroso; Schettino, 2021).

No entanto, crianças com TEA podem enfrentar desafios em situações cotidianas, devido às características próprias de sua condição, e vivenciar intercorrências nas interações com pessoas sem o transtorno. Os comportamentos excêntricos e repetitivos, os interesses restritos, os problemas de coordenação e a dificuldade

nas interações sociais, apresentados pelos indivíduos nível 1 de suporte, podem ser percebidos como inadequados por pessoas neurotípicas - aquelas que não possuem transtornos no desenvolvimento neurológico, especialmente devido aos problemas que indivíduos com TEA enfrentam nas interações sociais e no uso de habilidades sociais (Carvalho *et.al.*, 2022).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013, p.52), às pessoas nível 2 de autismo exigem apoio substancial e, mesmo na presença de suporte, apresentam graves dificuldades nas habilidades de comunicação social, limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem das outras pessoas. Por exemplo, esses indivíduos podem usar frases simples para se comunicar, focar em interesses muito específicos e demonstrar comportamentos não verbais que parecem estranhos para as pessoas ao redor.

Além das dificuldades na interação social, essas pessoas costumam ter comportamentos inflexíveis e uma grande dificuldade em lidar com mudanças, sobretudo de foco e ações. Os comportamentos restritos e/ou repetitivos, conhecidos como estereotípias, são frequentes o suficiente para serem perceptíveis até mesmo para observadores casuais e interferem no funcionamento em

diferentes contextos. Essas características limitam suas atividades diárias e comprometem sua capacidade de responder e adaptar-se adequadamente a diferentes contextos e situações (DSM-5, 2013, p. 52; Souza et al., 2019).

O nível 3 de autismo é conhecido como o transtorno autista propriamente dito e apresenta características similares às aquelas presentes no nível 1 e no nível 2. Entretanto, os déficits nas habilidades de comunicação, interação social e linguagem são significativamente mais severos. Além disso, é comum que esses indivíduos enfrentem atrasos cognitivos e deficiência intelectual, apresentando uma baixa probabilidade de recuperação completa. O DSM-5 (2013, p. 52) afirma que essas pessoas demandam apoio muito substancial e apresentam grande dificuldade em lidar com mudanças, mantêm comportamentos repetitivos e um foco restrito em padrões de ação. Na ausência de apoio, os déficits na comunicação social tornam-se ainda mais evidentes, resultando em prejuízos significativos. As pessoas nesse nível podem falar frases completas e se engajar em comunicação, mas apresentam falhas na conversação com os outros e suas tentativas de formar amizades são frequentemente estranhas e mal sucedidas (Souza et al., 2019; Zanon, 2017).

Os comportamentos restritos e repetitivos, característicos do Transtorno do

Espectro Autista no nível 3 de suporte, incluem inflexibilidade significativa, que pode causar interferência notável no funcionamento de diferentes contextos, dificuldade em alternar entre atividades e problemas de organização e planejamento, os quais se tornam obstáculos à sua independência. Esses desafios podem se manifestar de diversas maneiras, impactando negativamente a vida cotidiana e a capacidade de adaptação às mudanças (DSM-5, 2013, p. 52; Brites, 2021).

Dessa forma, quanto mais suporte a pessoa precisar, mais ela estará no Nível 3, e quanto menos suporte for necessário, mais próxima estará do Nível 1. Cada aluno com autismo é único, e seu cérebro é alterado de maneiras distintas, o que significa que não há dois alunos iguais. É essencial estabelecer um diálogo aberto com o aluno, explicando a importância de comunicar ao professor quando se sentir sobrecarregado, para que se possa agir adequadamente. Esse momento de comunicação é valioso e permite ao professor ajustar sua abordagem com atenção e respeito, uma vez que a maneira como a interação é conduzida é fundamental. Embora o comportamento do aluno seja o primeiro aspecto visível, é igualmente importante considerar o aspecto sensorial e observar como cada aluno reage aos estímulos sensoriais em sala de aula.

2.3 ESTRATÉGIAS PARA MANTER O ALUNO AUTISTA EM SALA DE AULA

Para identificar quais estratégias são eficazes para manter o aluno portador de TEA na sala de aula é fundamental que o docente compreenda suas limitações e preferências. Para isso, o diálogo com os pais e os profissionais de saúde que lidam com o aluno deve ser contínuo, a fim de estabelecer uma troca constante de informações e experiências que possibilitem o ajuste dessas estratégias (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2019).

Para Rocha (2016) e Lima (2018), o uso de cores que despertam o interesse do autista em atividades e jogos - de palavras, números e símbolos - e o uso de materiais coloridos ajudam a garantir a permanência do aluno na sala de aula. Contudo, é importante atentar-se para as tonalidades escolhidas, pois, da mesma forma que algumas cores têm o poder de atrair o aluno, outras têm o poder de afastá-lo. Por isso, para garantir que as escolhas sejam adequadas e efetivas, é importante que uma investigação com os pais e psicólogos seja realizada antes de propor essa estratégia pedagógica.

Lima (2018) aponta que a adoção de uma linguagem com poucas conotações e sem sentido figurado, utilizando frases de sentido literal, é fundamental para a

comunicação eficaz com alunos portadores de TEA. Essa abordagem ajuda a minimizar a ambiguidade e facilita a compreensão, uma vez que indivíduos com autismo frequentemente interpretam a linguagem de maneira mais direta e literal. Utilizar uma comunicação clara e objetiva reduz a probabilidade de mal-entendidos e promove interações mais eficientes e produtivas, contribuindo para que o aluno se sinta mais confortável e motivado a permanecer na sala de aula.

Araújo (2011) destaca que, dependendo do grau de autismo do aluno, estabelecer limites de tempo para a realização de determinadas atividades pode ser uma estratégia bastante eficaz. Essa abordagem pode ajudar o aluno a sentir-se mais motivado e focado, proporcionando uma rotina mais clara e previsível. Ao definir períodos específicos para a conclusão das tarefas, é possível reduzir a ansiedade e ajudar o aluno a desenvolver habilidades importantes, como organização e gestão do tempo. No entanto, é essencial que esses limites de tempo sejam ajustados às necessidades individuais de cada aluno, garantindo que ele se sinta apoiado e encorajado durante todo o processo e queira permanecer na sala de aula para realizá-las.

Demonstrar ao aluno autista que você, como professor, está sempre disposto a ajudá-lo em qualquer dificuldade é uma estratégia eficaz, pois transmite segurança e

confiança. Quando o aluno sabe que pode contar com você, ele se sente mais à vontade e cria um ambiente de aprendizado acolhedor e seguro, essencial para seu bem-estar e permanência em sala de aula (Almeida, 2011).

Planejar aulas lúdicas que incluam personagens favoritos do aluno autista pode tornar o ambiente de aprendizado mais envolvente e estimulante para ele. Usar esses personagens como parte das atividades ajuda a capturar o interesse do aluno pelo ambiente. Além disso, é fundamental manter um tom de voz suave em sala de aula, já que muitos alunos autistas possuem sensibilidade auditiva aguçada. Sons altos podem causar desconforto ou sobrecarga sensorial, dificultando o foco e o desempenho do aluno. Ao criar um ambiente de aprendizagem que respeite essas sensibilidades e inclua elementos que o aluno aprecia, você promove uma experiência educacional mais positiva e eficaz, além de estimular sua permanência na sala de aula (Machado, 2010).

Utilizar abordagens sensoriais estimula o aluno autista a querer permanecer na sala de aula. No entanto, é necessário compreender quais estímulos podem ser utilizados com o aluno, uma vez que suas habilidades sensoriais são bastante apuradas e determinados estímulos podem trazer reações adversas. Faz-se necessário o diálogo com os pais e a equipe de

profissionais que o atende para que se obtenha o conhecimento sobre quais estímulos podem ser executados com a criança e quais não (Brites, 2021).

É necessário, mediante a necessidade de cada indivíduo, adaptar currículos, provas e avaliações de modo a privilegiar habilidades pré-existentes. O aluno autista é diverso, visto que cada um possui particularidades próprias. Alguns estudantes demonstram organização excepcional em determinados aspectos ou possuem predisposição marcante para áreas específicas do conhecimento. Identificar tais habilidades é fundamental para o desenvolvimento de metodologias adequadas ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Propor atividades baseadas no interesse do aluno. O autista tem personalidade forte, no que diz respeito aos seus interesses. Isso só deve ser tratado por médicos especialistas, mas o papel do educador, então, é estimular a criança através de atividades que estejam relacionadas com o interesse do aluno. Para isso, a utilização de jogos mostra-se uma abordagem eficaz, desde que esses não promovam sensações desagradáveis ao aluno e respeitem suas limitações (Brites, 2021).

A oferta de atividades muito longas instiga no aluno a presença de desestabilizações e desregulações. Desse

modo, o educador deve propor atividades que respeitem a disposição de tempo e o interesse prévio dos alunos autistas. Sugere-se propor atividades que estimulem o pensamento lógico, como jogos ou outras práticas lúdicas, que favoreçam a estimulação cognitiva, bem como o desenvolvimento de funções executivas e sensoriais.

É importante incluir o aluno durante as tarefas realizadas em sala de aula, mesmo que pequenas. Trazer o discente autista para o convívio da sala de aula e solicitar seu auxílio na execução de tarefas é importante porque mostra para ele o quanto é capaz e amplia sua interação com as demais crianças que dividem a sala de aula com ele (Brites et.al.,2019).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que busca identificar as metodologias de ensino desenvolvidas com os alunos autistas incluídos no ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de Igreja Nova, Alagoas, especificamente na Escola Frei Arnaldo Motta e Sá, escolhida devido a sua importância na comunidade local e a diversidade cultural dos alunos. No que diz respeito aos objetivos, ela se classifica como estudo de caso.

Conforme Soares (2019, p. 02), “a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo a partir dos dados encontrados”, tornando-se a mais adequada para a presente análise, que busca aprofundar o conhecimento sobre como as metodologias de ensino implicam no desenvolvimento educacional de alunos com TEA. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais ampla e detalhada das práticas educacionais, considerando as particularidades do contexto investigado.

A pesquisa adota o método de estudo de caso, por sua contribuição ao entendimento de um fenômeno. De acordo com Yin (2001), esse método compreende técnicas específicas de coleta e análise de dados, adequando-se às situações em que o pesquisador tem pouco controle sobre o objeto de estudo.

A coleta dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário elaborado pela autora (Figura 01) à psicopedagoga que presta um atendimento especializado ao único aluno autista da instituição de ensino. O questionário elaborado para a aplicação foi composto por 10 (dez) questões abertas, as quais, segundo Amaro, Póvoa e Macedo (2005, p. 04) “permitem ao inquirido construir a resposta com suas próprias palavras, permitindo deste modo à liberdade de expressão”.

Figura 01 - Questionário aplicado.

	<p>FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO DR. RAIMUNDO De FACULDADE RAIMUNDO MARINHO DE PENEDO 12.432.605/0001-30</p>
<p style="text-align: center;">QUESTIONÁRIO A METODOLOGIA DE ENSINO OFERTADA AOS PCDs - TEA - NA ESCOLA FREI ARNALDO MOTTA E SÁ, NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE IGREJA NOVA, ALAGOAS</p>	
<p>Meu nome é Irene dos Santos, sou acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho, Polo de Penedo. Estou realizando uma pesquisa com os docentes que atuam com alunos incluídos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Frei Arnaldo Motta e Sá. O objetivo desta pesquisa é identificar e elencar as metodologias utilizadas com os alunos que possuem este transtorno. A pesquisa está sendo orientada pela professora mestranda Gislene Muniz dos Santos Batista. Gostaria de contar com a sua colaboração.</p>	
<p>Formação: Séries/anos de atuação: Carga horária de atuação como professor: Número de alunos incluídos com TEA: () 1 () 2 () 3 () mais Qual o nível de autismo destes alunos? Sexo do aluno(a): () Feminino () Maculino</p>	
<ol style="list-style-type: none">1. Qual a metodologia utilizada com o aluno com TEA?2. Qual foi o critério de escolha para essa metodologia? (Baseado no aluno, na escola ou no professor?)3. Se houver mais de um aluno com TEA, a metodologia utilizada é a mesma para todos?	



4. Quais são as maiores dificuldades no processo de aprendizagem dos alunos com TEA?
5. Quais são os recursos e ferramentas de ensino disponíveis para apoiar os alunos com TEA?
6. A escola oferece formação continuada para os professores sobre inclusão e estratégias de ensino para alunos com TEA?
7. Onde você busca informações e referências para trabalhar com alunos com TEA?
8. Como a equipe escolar trabalha para integrar os alunos com TEA nas atividades de sala de aula junto com os outros alunos?
9. Como a escola envolve a família no processo educacional dos alunos com TEA?
10. Como são trabalhadas as questões de socialização e interação entre os alunos com TEA e seus colegas?

Fonte: Autora (2024)

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados apresentados no quadro 1 foram obtidos por meio de um questionário composto por 10 (dez) questões abertas, respondido pela profissional responsável pelo atendimento especializado ao aluno Y.V. A referida profissional possui graduação em Pedagogia, Magistério em História e pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Atualmente, atua no 1º ano do ensino fundamental, com uma carga horária de 40

horas semanais.

A instituição de ensino participante da pesquisa possui apenas 1 (um) aluno diagnosticado com autismo. O qual é do sexo masculino e apresenta nível 1 de suporte.

Quadro 1 - Respostas obtidas no questionário.

Questão 5: Quais são os recursos e ferramentas de ensino disponíveis para apoiar os alunos com TEA?

Resposta: Desenhos, letras e jogos educativos.

Questão 6: A escola oferece formação continuada para os professores sobre inclusão e estratégias de ensino para alunos com TEA?

Resposta: Sim

Questão 7: Onde você busca informações e referências para trabalhar com alunos com TEA?

Resposta: Na escola possui alguns livros, porém busco mais informações na internet.

Questão 8: Como a equipe escolar trabalha para integrar os alunos com TEA nas atividades de sala de aula junto com os outros alunos?

Resposta: Promovendo o respeito, criando um ambiente acolhedor, rotina previsível, evitando ruídos altos, usando linguagem objetiva e envolvendo a família.

Questão 9: Como a escola envolve a família no processo educacional dos alunos com TEA?

Resposta: Trocando experiências e conhecimentos e visitas na escola.

Questão 10: Como são trabalhadas as questões de socialização e interação entre os alunos com TEA e seus colegas?

Resposta: Estimulando o colega a dialogar com o aluno com TEA, questionando coisas sobre ele, explorando brincadeiras para melhorar as habilidades cognitivas, controlar emoções e estimular a motivação.

O conjunto de questões levantadas e respondidas mostra que a Escola Frei Arnaldo Motta e Sá possui uma abordagem consciente e estruturada para o ensino do aluno com TEA. A escolha da metodologia fônica combinada com o uso de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) revela-se condizente e eficaz, pois foca no desenvolvimento de habilidades de comunicação, uma das principais necessidades do aluno Y.V.

O uso de atividades lúdicas para desenvolver as habilidades de alfabetização - fase vivenciada pelo aluno - demonstra o cuidado em propor métodos condizentes com suas necessidades e alinhados às práticas inclusivas. Essas atividades, realizadas com o suporte de desenhos, letras e jogos educativos fornecidos pela instituição de ensino, têm recebido boa recepção por parte do aluno.

A formação continuada do corpo docente sobre inclusão e estratégias de ensino para alunos com TEA indica que a escola está comprometida com a capacitação de sua equipe para atender às demandas da educação inclusiva. Entretanto, o uso predominante da internet como fonte de obtenção de informações demonstra a necessidade da escola ampliar seus recursos internos, através da aquisição de mais

livros e da realização de cursos e capacitações com maior frequência. Isso contribuiria para que os professores tivessem acesso a informações mais aprofundadas e confiáveis.

A troca de experiências e conhecimentos entre a escola e a família proporciona um conhecimento mais amplo das necessidades do aluno, possibilitando ajuste nas atividades pedagógicas e favorecendo seu desenvolvimento integral. Essa parceria também contribui para que os estímulos à interação com os demais colegas de classe seja feita de forma acolhedora, afetuosa e respeitosa para com o aluno Y.V. Além disso, a instituição prioriza um ambiente acolhedor, com rotina previsível e a implementação de estratégias para minimizar ruídos altos, garantindo que Y. possa se concentrar melhor.

Informações adicionais fornecidas destacam que o aluno Y.V é atendido por uma equipe multidisciplinar composta por psicopedagoga, psicólogo e neuropediatra, todos integrados na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse acompanhamento contribui para uma abordagem ainda mais personalizada e eficaz no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar a pesquisa na escola Frei Arnaldo Motta e Sá, observando de perto a metodologia de ensino ofertada aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi possível perceber que a escola se empenha em promover um ambiente inclusivo, mas ainda existem desafios que precisam ser superados para garantir uma educação plenamente acessível e eficaz para esses estudantes.

Uma das principais constatações foi a importância de uma abordagem individualizada no processo de ensino. Embora algumas práticas adaptadas estejam sendo utilizadas, como o ajuste nas atividades e o uso de recursos visuais, percebi que a diversidade no desenvolvimento dos alunos com TEA exige uma adaptação contínua dos métodos, o que nem sempre é fácil de implementar de forma consistente.

Outro ponto relevante foi a necessidade de formação continuada para professores. Durante minha observação, ficou claro que, apesar do bom empenho das educadoras, há uma carência de treinamento especializado em TEA, o que dificulta a aplicação de metodologias específicas e mais eficazes. Acredito que a capacitação contínua poderia ser uma grande aliada

para melhorar o processo de ensino, fornecendo aos professores ferramentas mais adequadas para lidar com a diversidade no aprendizado.

Além disso, a interação entre a escola, a família e os profissionais de apoio parece ser um fator essencial para o sucesso do processo educativo dos alunos com TEA. A colaboração entre essas partes é fundamental para garantir que o aluno receba um suporte consistente, tanto dentro quanto fora da sala de aula, o que contribui diretamente para o seu desenvolvimento acadêmico e social.

Por fim, a infraestrutura da escola também desempenha um papel crucial nesse processo. Alguns ambientes e recursos poderiam ser mais bem estruturados para atender às necessidades sensoriais e emocionais dos alunos com TEA, criando um espaço mais acolhedor e tranquilo, essencial para o aprendizado desses estudantes.

Em resumo, embora a escola Frei Arnaldo Motta e Sá tenha avançado em algumas práticas inclusivas, ainda há um caminho a percorrer para aprimorar a metodologia de ensino oferecida aos alunos com TEA. A formação constante dos professores, o apoio especializado, a colaboração entre escola e família e a adaptação do

ambiente escolar são fundamentais para garantir que todos os alunos possam aprender de forma equitativa e bem-sucedida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ludicidade como instrumento pedagógico. **Cooperativa do Fitness**, 2011. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso em: 22 set. 2024.

APA- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estático de transtornos mentais- DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, C. A. **Psicologia e os Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo. Memnon, 2011.

CARVALHO, B. M. M. de *et al.* TEA LEVE: antiga síndrome de asperger. **Transtorno do Espectro Autista: concepção atual e multidisciplinar na saúde**, [S.L.], p. 122-131, 30 jul. 2022. Amplla Editora. <http://dx.doi.org/10.51859/amplla.tea22> 32-10. Disponível em: <https://ampllaeditora.com.br/books/2022/07/TranstornoEspectroAutista.pdf>. Acesso em: 23 set. 2024.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. Título do artigo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.19 , p.106-120, 2013.

BARROSO, L. K. G.; SCHETTINO, R. R.. Síndrome de asperger: revisão integrativa acerca do transtorno / asperger's syndrome. **Brazilian Journal Of Health Review**, [S.L.], v. 4, n. 4, p. 15147-15168, 14 jul. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv4n4-062>.

BRITES, L. Quais os principais sintomas de autismo leve? **Neurosaber**, 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/quais-os-principais-sintomas-do-autismo-leve-2/>. Acesso em: 22 set. 2024.

BRASIL. Lei n . 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília , 23 dez. 1996.

BRASIL . Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília : Senado Federal ,1988.

FREIRE, J. M. de S.; NOGUEIRA, G. S. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PREVALÊNCIA DO AUTISMO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE INCLUSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS. **REVISTA FOCO**, [S. 1.], v. 16, n. 3, p. e1225, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n3-009. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1225>. Acesso em: 24 set. 2024.

LIMA, J. M. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2018.

MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty e a Educação**. Autêntica. Belo Horizonte, 2010.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. American Psychiatric Association. 5ª EDIÇÃO, DSM-5. 2013; p. 1- 992.

MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar: práticas e desafios**. 3. ed São Paulo: Moderna, 2019.

MELLO, A. M. S. R de. **Autismo: guia prático**; 6.ed boração : Marialice

de Castro Vatauvuk. ____6.ed._São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

ROCHA, P. P. O trabalho terapêutico em crianças autistas. **Psicopedagogia online**. 2016. Disponível em: https://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=368&V94zjvmAOkp. Acesso em: 22 set. 2024.

SANTOS, A. et al. **Metodologias de ensino para crianças autistas: superando limitações em busca da inclusão**. Anais Fiped V (2013), Edição Nº 2, Vol. 1.

SBP. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento. **Transtorno do Espectro do Autismo**. Manual de Orientação, Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 1, n. 5, p. 1-24, abr. 2019.

SOARES, S.J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda.**, Montes Claros, v. 1, n.3, pp. 168-180, jan/dez-2019.

SOUZA, A.; GONÇALVES, D.; CUNHA, D. **Transtorno do Espectro Autista: Uma introdução**. -, [S. 1.], p. 1-4, 2019.

TAROUCO, Angélica Rodrigues.
**METODOLOGIAS APLICADAS
NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA COM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA.** 2019. 61 f. TCC
(Graduação) - Curso de Ciências da
Natureza, Universidade Federal do
Pampas, Dom Pedrito, 2019.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.;
ZANON, R. B. INCLUSÃO ESCOLAR
E
AUTISMO: sentimentos e práticas
docentes. **Psicologia Escolar e
Educativa**, [S.L.], v. 24, n. 8, p. 1-8,
01 dez. 2019. FUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392020217841>.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª Ed. Porto Alegre. Editora:Bookman. 2001.

ZANON, R. B. *et. al.* Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 152-163, abr. 2017.

LIMA, J. M. O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2018.